

Tomo V: falo da flor, vulva do livro

Tome V: I talk about the flower [and] flower's phallus, book's vulva

Bruna Mazzotti¹

Resumo

Este estudo parte de invasões espontâneas do inconsciente ao consciente que desdobram em dois trabalhos em vídeo, compostos com Luan Caja em 2019: *Eu durmo de livro aberto* e *Rosário*. Enquanto alicerces teóricos, utilizo: o instante andrógino de Bachelard (2010) em vinculação com a ideia de belo subliminar em Byung-Chul Han (2019), dentre outros. Em seguimento ao método de Tomos anteriores, a diretriz empregada é a pesquisa performativa (Haseman, 2015): não possui resultados esperados, mas parte de pontos iniciais de ação [duas artes do vídeo e autores mencionados]; à tomada de sentido vide práticas particulares [o retirar de uma carta de Tarô para cada proposição, em seguimento de uma carta de síntese]. Assim, fricciono as visualidades telemáticas com as simbólicas, a fim de elaborar sentidos a partir do princípio de projeção (Jung, 2013 & Nichols, 2007).

Palavras-chave: Vídeoarte, Tarô, belo, sublime, projeção psicológica.

Abstract/resumen/resumé

This study starts from spontaneous invasions from the unconscious to the conscious that unfold in two video works, composed with Luan Caja in 2019: "I sleep with an open book" and "Rosary". As theoretical foundations, I use: the androgynous instant of Bachelard (2010) in connection with the idea of beautiful subliminal in Byung-Chul Han (2019), among others. Following the method of previous Tomes, the guideline employed is performative research (Haseman, 2015): it does not have expected results, but part of initial points of action [two video arts and authors mentioned]; the construction of meanings through determined practices [taking a Tarot card for each proposition, following a synthesis card]. Thus, I rub telematic and symbolic visualities, to elaborate meanings based on the projection principle (Jung, 2013 & Nichols, 2007).

Keywords/Palabras clave/Mots clefs: Video art, Tarot, beauty, sublime, psychological projection.

¹ Mestranda em Poéticas Interdisciplinares (PPGAV/EBA/UFRJ) e licenciada em Artes Visuais (FAARTES/UFAM). Atua com ênfase em: instalação *site-specific*, performance, escrita automática aliada ao Tarô e proposições colaborativas para expandir lugares de enunciação. Integrante do Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA/FAV/UFG), onde desenvolve o projeto de pesquisa "Tomos: escrituras performativas sobre o corpo à luz da cartomancia".

Acordo de um sonho sem me lembrar dele

Mas sei, definitivamente, que alguma coisa aconteceu. São preocupações corriqueiras que me privam de sonhar. Durmo, mas não lembro os lastros sábios do inconsciente – e se lembro é com demasiado esforço: as últimas páginas de um sonho rasgadas com um pesar... Acordo exausta em lugar de extasiada.

Talvez por compensação a esse movimento, procuro dar vasão a outra [e mesma] categoria de imagem mental, no sentido de que amplifico visualidades que surgem espontaneamente, irrompidas na vigília. Neste estudo eu vejo um caderno de processo folheado de maneira não convencional, o que distende no vídeo e afirmação: *Eu durmo de livro aberto*; e também vejo uma rosa branca próxima de uma face: então desdobrada em vídeo e oração: *Rosário*.

As imagens mentais que ascendem de um abismo desconhecido são sugestivas de operação: elas querem que eu escolha caminhos através delas e sejam expandidas no momento da captura audiovisual por Luan Caja². Seus vazios convidam para que nelas sejam inseridos sentidos mediante esta escritura – um pouco mais de sentido, longe de um sentido total: sentido precário³, constituído por mim, mas que também me escapa. Sentido meu e o sentido outro – enquanto sujeita-autora fiadora desse testemunho sou atestada pelo gesto da escrita e, ao mesmo tempo, pelos sinais de minha ausência proferidos nela; o lugar vago é ocupado por quem lê e fia testemunhos outros – trata-se de um jogo sucessivo, inexausto e transdiscursivo (Agamben, 2007) que certamente não acaba daqui para algumas páginas: a todo momento nos livramos do eu e falamos através de outrem.

Por sua vez, o pouco de sentido que não me escapa é gerado a partir da metodologia performativa: possui pontos iniciais de ação [aqui, duas artes do vídeo e autores que me sopram aos ouvidos]; à tomada de sentido vide práticas particulares [o retirar de uma carta de Tarô para cada proposição, em seguimento de uma carta de síntese] (Hanseman, 2016). Portanto, o trabalho feito nos Tomos é o debruçar sobre meus trabalhos que visam o corpo para, assim, separar dois por vez, em ordem de elaboração, e então friccioná-los com a imagética simbólica do Tarô: quando olho para as cartas vejo senão um reflexo menos opaco das proposições.

Tenho desenvolvido proposições a partir de imagens invasivas, das quais irrompem com toda força para o plano da consciência, tendo pouco conhecimento sobre o meu próprio fazer e motivações; assim, o dispositivo do baralho clarifica as visualidades proferidas porque é programado enquanto um detentor de *projeção*: processo autônomo do inconsciente responsável pela visão de tendências, possibilidades, características e deficiências evocadas por determinado objeto, pessoa ou acontecimento; que, apesar de tudo, não estão no objeto, pessoa ou acontecimento, mas senão em nós mesmos (Nichols, 2007). É por isso que devemos ter com o Tarô a mesma abordagem para com a obra de arte: deixar que ele seja um gancho que aprese nossa imaginação para então fazer surgir imagens, sentidos outros (Nichols, 2007).

Não apenas somos constituídos de sentido pelos atravessamentos às imagens do Tarô, mas o próprio Tarô é composto de figuras constitutivas pelos saberes genealógicos de toda a humanidade, conjuminadas de inúmeras experiências individuais do mesmo tipo, das quais geram resíduos psíquicos que se aglomeram, formando os chamados

² Luan Caja nasceu em Manaus e mora em Berlim, onde cursa Artes Livres na Escola Superior de Artes. Sua pesquisa segue em busca por sua ancestralidade indígena, a partir de propostas "vídeo-sensoriais" para expressar as energias que se manifestam e se movem com o corpo. Utiliza-se do audiovisual, performance e da dança como elementos de autoentendimento e de poder de encanto.

³ Levo em conta a fala de Agamben (2018): o ato de criação consiste na liberação de uma potência, da qual deixa uma brecha, uma lacuna, uma incompletude passível de desenvolvimento.

*arquétipos*⁴ (Jung, 2013). Deparar com essas manifestações de imagens primordiais evoca a possível sensação de captura por uma força superior; essa que pode ressoar uma intensidade emocional peculiar: "é como se cordas fossem tocadas em nós que nunca ressoaram, ou como se forças poderosas fossem desencadeadas de cuja existência nem desconfiávamos" (Jung, 2013, p. 83).

Portanto, encontros com evocações arquetípicas são potenciais para a experiência do sublime. O subliminar é o estado do qual as coisas provocam, concomitantemente, os contrários: dor e prazer, ansiedade e alegria, depressão e exaltação (Peixoto, 2015). Se de um lado nós temos o prazer da razão em conceber imagens infinitamente grandiosas, tais como a profundidade de um mar, o infinito do universo; de outro, temos a dor da imaginação em não corresponder totalmente à determinadas sensações porque as imagens mundanas são insuficientes para apreender o infinito (Peixoto, 2015)

Duplicidade complexa

Os dois trabalhos em vídeo que pressupõem as motivações iniciais desta escritura ainda não foram apresentados com vigor, mas a nomeação deste documento acontece através do desejo de vislumbrar, desde o primeiro contato com seu título, vinculações e ambivalências. Nesse sentido, julgo essencial trazer para a discussão o atual estatuto do belo e sublime, categorias confrontadas e reescritas através das épocas. Na contemporaneidade, o belo e o sublime ficam arruinados à, respectivamente, positividade e negatividade – o belo está para o liso, o sublime para o poroso (Han, 2019).

Hoje o belo é visto como um objeto pornográfico, consumível, nítido, provoca uma sensação agradável exaurida no "uau", condiz com um tempo otimizado: é a chamada estética do liso que não pede nada além de uma complacência rasa, automatizada, do mero *like*, encerrado na publicação da rede social; de outro modo, o sublime está no campo do erótico, inabsorvível, misterioso, provoca uma sensação arrebatadora por sua incompletude, contém em si um tempo lento (Han, 2019). Portanto, o autor defende um revisionismo do belo ao afirmar que a sua salvação reside em uma vinculação com o sublime. Isso se dá porque, em verdade, não se tratam de categorias opostas como frequentemente colocadas, mas polos de um mesmo todo: a negatividade subliminar aprofunda a beleza positivada e vice-versa – a condição lisa, escorregadia, polida, deve conceber o que é característico dos rasgos, ruídos e cortes.

Assim, a poesia é inconcebível no seio da unidade (Bachelard, 1994): meras antíteses, dadas no tempo horizontal, mundano, das coisas, do tempo que corre, sucessivo; devem ser destruídas e transformadas em ambivalências, do *tempo vertical*, suspenso, simultâneo, do tempo outro, *o tempo que jorra*⁵: O instante poético é, portanto, um instante *andrógino*, ou seja, não é puramente intrépido, agradável, destruidor ou receptivo, mas tudo isso ao mesmo tempo (Bachelard, 2010).

⁴ Dito de outro modo, arquétipos são imagens universais que existem desde os tempos mais remotos: conteúdo do inconsciente, uma imagem primordial se modifica a partir do momento da conscientização, ganha sentido e complexidade, a cada vez que é novamente expressa (Jung, 2013).

⁵ Para que possamos desacorrentar nossos pulsos do tempo horizontal mundano e adentrar no tempo vertical poético, Bachelard (2010, p. 96) dá três conselhos: "1) habituar-se a não referir o tempo próprio ao tempo dos outros – romper os contextos sociais da duração; 2) habituar-se a não referir o tempo próprio ao tempo das coisas – romper os contextos fenomênicos da duração; 3) habituar-se – duro exercício – a não referir o tempo próprio ao tempo da vida; não saber mais se o coração bate, se a alegria avança – romper os contextos vitais da duração". Pontuar essa tríade me parece essencial, ainda mais em um tempo que tanto nos priva da lembrança onírica.

Eis o movimento que pode parecer inicialmente dualista, mas que esconde, no limiar entre uma e outra coisa, inúmeras possibilidades. É assim que a arte intervém no plano mundano, tornando complexas todas as coisas. Visualizo novamente a imagem que Han (2019) evoca enquanto salvação do belo: *rasgos, ruídos e cortes*, e lembro que é justo através da filosofia, da ciência e da arte que somos capazes de rasgar o firmamento e liberar o caos (Deleuze, & Guatarri, 2000).

Dessa maneira, o que me interessa na complexidade é principalmente quando as coisas são destituídas de suas funções, saturadas de nada, e através disso, passíveis de abertura: giram em falso e abrem-se em possibilidades (Agamben, 2018). Tenho percebido que a poesia que faço – e que me faz de volta – pede a desativação ativada de certos itens, que hoje são a *flor* e o *livro*; em experimentação sem objetivo definido, na espontânea suspensão da funcionalidade desses objetos, surgem o *falo* e a *vulva*⁶.

Falo da flor

"A rosa é sem por quê
Floresce por florescer
Não olha para si mesma
Nem pergunta se alguém a vê (...)"
Angelus Silesius

Rosário constitui de um trabalho em vídeo com duração de 7 minutos e 14 segundos. Sua captação acontece no Palácio do Catete, cidade do Rio de Janeiro, concomitante à uma roda de samba que acontece ao lado – não prevista, mas gentilmente absorvida: pandeiros, cantorias e alegrias vigorosas compõem com as ações programadas.

Aqui, indico três caminhos possíveis de iniciação ao vídeo: 1) em concomitância à leitura; 2) antes do próximo parágrafo; ou 3) apenas após o término deste tópico, antes do início do próximo tópico nomeado "vulva do livro". Por favor: decida antes de prosseguir para além da imagem a seguir; ou tome um caminho e desvie para outro.



Mazzotti, Bruna, & Caja, Luan (2019). *Rosário* [Vídeo arte]. Obtido em: <https://www.instagram.com/tv/B9A6QvwnyNE/>.

⁶ A primeira parte do subtítulo deste estudo, "falo da flor", vem certa. Por outro lado, admito a hesitação à continuidade da frase: 1) livro da vulva; ou 2) vulva do livro? Ambas me interessam, já que no vídeo: livrar-me da vulva é fazer aparecer o livro; e a vulva pertence ao livro ou surge através dele. Se bem que... Em "falo da flor, vulva do livro", se a vulva chega primeiro do que o livro, entende-se o falo enquanto fálico somente em 2ª instância, ou seja, só e através da pausa da vírgula que dá sequência à palavra vulva. Parece-me fundamental sublinhar essa imprecisão.

Começo-preparo o trabalho na execução de um *Mudra*⁷ específico para afrontar o medo do futuro: as palmas das duas mãos estão abertas e a mão direita é erguida ao lado da face; por sua vez, a mão esquerda foge à captura, mas repousa um pouco abaixo do umbigo. Sucessivamente, numa miríade de vezes das quais não consigo me lembrar exatamente quantas, esse gesto é alternado com outro – o chamado Mudra do Vazio, a fim de alçar o vazio da mente: na altura da pelve, a palma da mão direita repousa acima da esquerda, enquanto os polegares ficam unidos, é formada uma esfera. Mediante à alternância entre um Mudra e outro, há uma rosa branca em espera, verticalizada no entremeio de minhas pernas.

Quando percebo que estou sendo filmada, opero um recorte no tempo: comprimo passagens audiovisuais até suprimi-las do arquivo; acelero o tempo do mundo até chegar ao tempo outro: o recurso de edição por recorte abole coisas e revela outras, na intenção de alcançar/cavar, de um limiar a outro, passagem rápida: do riso à flor, do rosto à pelve. Eis que o meu toque pede para que a flor seja retirada do plástico que a conserva; e que o falo seja desvelado de seu prepúcio.

O plástico responde ao toque com ranhuras sem cessar, ainda que eu pare de tocá-lo – aqui, uma edição de áudio: é, em verdade, uma outra ordem de plástico, a sacola do supermercado, que vem a somar, mesmo oculta em vídeo, parcialmente declarada por esta escrita. O murmúrio é também: interferências de rádio, barulho de tempestade ou ondas do mar – ainda que não literais, mas ainda assim vigentes, porque aparecem a partir de lembranças de sons outros (e mesmos). Se o plástico da sacola chama ondas conflituosas da ordem do aquoso e da frequência eletromagnética, isso há de ser considerado. É muito provável que existam outras ordens de rememoração, associações que diferem das enunciadas nesta escrita, não sendo as ondas da água e do estéreo as únicas possíveis de chegarem por entre o som do plástico-prepúcio.

O prepúcio em si mesmo, chega despretensiosamente: nas tríades de ações sequenciais programadas para a gravação do vídeo (comprar, mastigar, engolir a flor) não há primeira intenção de formatá-la em coisa ou outra: a flor surge enquanto falo nas aberturas entre a ativação do programa.

Isso porque a flor, reitero novamente, (...) comprada (...) mastigada (...) engolida (...), pode ser uma coisa ou outra, ou nada; talvez, melhor dizendo, uma coisa e outra e nada. Nesse vazio, sentidos⁸. Não me é claro o motivo que me empurra para a tomada dessas ações, por isso mesmo, sigo em busca de uma aproximação ao entendimento – mesmo que ele nunca seja total. Isso se dá na sobreposição de uma imagem atrás da outra, a ideia de *Rosário* com uma lâmina do Tarô. Embaralho por diversas e várias vezes, mais do que costume fazer e, é incrível-espantoso ao mesmo tempo: a carta em minha imagem mental é a mesma que insurge na escolha – nas mãos, O Zero, O Louco:

⁷ Em sânscrito, a palavra *Mudra* significa gesto, atitude e selo: é um lugar de fluxo energético que interliga o individual ao cósmico (SARASWATI, 2015). Há literaturas que relacionam os 5 elementos – fogo, ar, éter, terra e água – com, respectivamente, cada dedo das mãos – polegar, indicador, médio, anular e mínimo; mas também há outras maneiras, como a relação entre a criação e os planetas: o polegar enquanto Deus, o indicador enquanto Júpiter, o médio está para Saturno, anelar para o Sol e o mínimo à mercúrio (MESKO, 2013). Diante de diferentes combinações entre os dedos, há Mudras para diversas finalidades. Utilizo esses selos em preparações corporais, a fim de alçar/cavar rotas para o lugar do presente.

⁸ Eis também, aqui, uma aproximação desse fato com o jogo ininterrupto do mostrar e não mostrar: o que eu manifesto na condução deste escrito-vídeo, é complementado por você a cada sugestiva. Não tenho acesso às suas imagens e sentidos elaborados por entre elas, tão íntimos, da ordem impalpável do mental; mas gostaria que você as percebesse como uma continuação reverberada desta comunicação.

SIIMI/2020

VII simposio internacional de
innovacion en medios interactivos
VII simpósio internacional de
inovação em mídias interativas
VII international symposium on
innovation in interactive media

HUB
eventos
2020



Waite, A. E. & Smith, Pamela Colman (1999). (0) O Louco.

Dentre os 22 Arcanos Maiores do Tarô, O Louco não é o começo, tampouco o fim: é entremeio da jornada ou o mediador de mundos – o mundo contemporâneo de todos os dias e a terra da imaginação onde os arquétipos surgem (Nichols, 2007). Dada a natureza não fixa, o andarilho não tem vínculos ou nacionalidade, está livre para viajar à vontade: dependendo da sua posição na tiragem, à esquerda ou à direita das demais cartas, o zero pode valorizar ou desvalorizar: o um pode virar 0,1 ou 10; o nada é tudo, pois ocupa espaço e detém poder (Nichols, 2007). Se ele se afasta de uma carta que o precede, pode ser uma imagética que sugestiva para o deixar de focar numa situação para colocar suas forças em algo novo (Jodorowsky & Costa, 2009) – guardaremos essa informação para a posterioridade: de acordo com sua posição, ele se afastará de duas cartas seguintes que ainda serão retiradas neste estudo.

O Louco, pois, é a energia originária sem limites, de sua liberdade total advém o estado não diferenciado das coisas, a desordem e o caos do impulso criativo – se ele falasse, seria: deixe-se dominar por uma energia impessoal, mais poderosa que a sua – não se trata de perder a consciência, mas de permitir que loucura-sagrada-original dentro de você possa falar (Jodorowsky & Costa, 2009).

Assim como eu, O Louco também tem uma rosa branca em sua mão. Ao invés de capturada da roseira, é como se a flor simplesmente brotasse de sua palma, tal qual uma integrante inata do corpo, algo que é um com ele. Vejo ao fundo da ilustração montanhas e ondas simultâneas, obedecendo as ligações frente às ondas de páginas atrás. Um tsunami de relações me invade neste momento, de modo que não sei por onde continuar a escrever: demasiadas possibilidades. As partes pontudas dos picos estão para o agudo da experiência: à medida em que sobem mais alto nos céus, mais pontudas cortantes ficam. De sobreaviso: por favor, não pule essa parte do texto; tampouco desista da leitura⁹: divagações também me levam aonde eu quero chegar, ou seja, são vias de construção de sentido. Em prosseguimento, vejo que as montanhas-ondas são geladas de azul, o céu é quente de amarelo, um dia alegre, dourado, de fim

⁹ Se é que já não tenha deixado ao sentido de outrem.

de tarde ou início da manhã, em que os raios do sol são agulhas de extremidades tão pontudas quanto a própria montanha.

Até aqui, portanto, a imagem, em seu princípio oferta relações sinestésicas com o tato: o pontiagudo das linhas me salta bem mais à vista do que o conhecimento acumulado sobre o referido arcano. Esse fato exemplifica que os arquétipos não são figuras fechadas, ou seja, que se referem sempre a algo fixo e pré-determinado, mas dependem das relações com a matéria da consulta (Nichols, 2007). Feita tal observação, presumo continuar um pouco mais na transferência de Rosário à lâmina: busco me concentrar na flor, que mesmo não sendo um girassol, inclina-se à luz do astro. Outra abertura: me parece que a rosa em questão possui ramificações de seu caule dispostas de uma maneira análoga à própria pose do Louco, o que reafirma que ambos são senão a mesma coisa, ainda que diferentes. Talvez, portanto, isso também aconteça comigo em *Rosário*: ao comer a flor, me torno a própria flor; mas não só como a flor, porque a flor também me engole – de modo que foge à minha compreensão: parece ser muito maior do que posso abarcar.

Uma flor, um simples objeto, repentinamente pede para que pensemos nela, que sonhemos perto dela, para que possamos ajudá-la a ascender à um nível de companhia ao nosso lado – mas, escolhido o objeto de poetização, o próprio objeto muda de ser: é promovido (Bachelard, 1996). De um devaneio para outro, o objeto se renova, não é mais o mesmo; isso reflete senão uma renovação do sonhador (Bachelard, 1996). Se o fálico está na rosa, está, portanto, em mim – algo já afirmado desde a aparição da carta d'O Louco e minhas transferências para com ela. Mas nada é tão frágil quanto a esfera dos meios puros (Agamben, 2007): o falo volta a ser flor, e o sentido novamente me escapa.

Vulva do livro

"(...) O prazer entreaberto
O delírio da palavra
Dou voz liberta aos sentidos
Tiro vendas, ponho o grito
Escrevo o corpo, mostro o gosto
Dou a ver o infinito"
Maria Teresa Horta

Eu durmo de livro aberto é um trabalho em vídeo, constituído de 21 minutos e 36 segundos. Sua captação acontece em um dos quartos no Caipi Hostel, também na cidade do Rio de Janeiro. O Gesto dos Mudras se repete: afronto o medo do futuro, encontro o vazio da mente. É na dobra de um quarto, na cama que recosta ao encontro de duas paredes, no silêncio dos fólios.

Mais uma vez, indico três caminhos de iniciação ao vídeo: 1) concomitante à leitura; 2) anterior ao próximo parágrafo; ou 3) após o término deste tópico, antes do início de "A cópula das coisas". Por favor: decida antes de prosseguir para além da imagem a seguir; ou tome um caminho e desvie para outro.

SIIMI/2020

VII simposio internacional de
innovacion en medios interactivos
VII simpósio internacional de
inovação em mídias interativas
VII international symposium on
innovation in interactive media

HUB
eventos
2020



Mazzotti, Bruna, & Caja, Luan (2019). *Eu durmo de livro aberto* [Vídeo arte]. Obtido em: <https://www.instagram.com/tv/B7YyCPOnjRg/> [e] <https://www.instagram.com/tv/B6x6kX7nMbH/>

A princípio, a imagem se perde várias vezes em entrecortes com apagões que proferem vozes ao fundo. Posiciono o livro entre minhas pernas, abro em página qualquer, dedilho anotações primeiras, exploro o fólio armazenador de palavras e imagens potenciais, que antecedem, precedem e transpassam ideias. Propositalmente, o caderno está de ponta cabeça: a leitura de seu conteúdo não interessa, apenas o mostrar e ocultar de lastros possíveis, rascunhos em subterfúgio, aparições impermanentes de códigos abertos. São, portanto, páginas impossíveis de serem lidas por conta do movimento incessante do folhear: exhibe rapidamente suas faces, esconde profundamente o infinito. Esse explorar é lento, ulterior aos 21 minutos e 36 segundos ora disponíveis, e não quer chegar em ápice algum: mesmo quando termina é inconclusivo.

Livros de artista são mananciais de sensibilidade: aspiram provocar estados difusos entre o real e o imaginário – ao invés de, por uma lógica simplificadora, completar espaços nos vazios discursivos de um livro; deve-se enxergá-lo na sua pluralidade: nada precisará ser entendido ou decorado, pois o livro prescinde de uma direção narrativa e adensa à multiplicidade discursiva; deve-se manuseá-lo com intimidade, podendo ser visitado pelo meio, fim ou começo (Peixoto, 2016).

Aqui, o objeto é, ao mesmo tempo, vulva-livro. A vulva é o símbolo ligado ao conhecimento oculto, às riquezas secretas; assemelha-se à goela: toma e dá, engole e expele, une e transmuta os contrários (Chevalier & Gheerbrant, 2009). De certa maneira, seria redutor dizer que o livro é análogo à sabedoria e à ciência; é, pois, o símbolo do Universo, caractere da revelação, extensão da manifestação sagrada: se está fechado é a matéria virgem, conserva seu segredo; se está aberto é a matéria fecunda, tomado por quem o investiga (Chevalier & Gheerbrant, 2009).

Começo a embaralhar as cartas, pressupondo a chegada da Imperatriz, um dos arquétipos maiores da fertilidade. Para minha surpresa, quem surge para conversar é seu duplo-complementar:

SIIMI/2020

VII simposio internacional de
innovacion en medios interactivos
VII simpósio internacional de
inovação em mídias interativas
VII international symposium on
innovation in interactive media

HUB
eventos
2020



Waite, A. E. & Smith, Pamela Colman (1999). (IV) O Imperador.

O Imperador é uma força em repouso: estabelecido em sua consolidação, nenhum esforço é necessário a ele – é ativo e completamente centrado no presente (Jodorowsky & Costa, 2009). Ainda segundo os autores, essa carta é amplamente religada à figura do pai ou da autoridade masculina e, por isso mesmo, tenho inicial estranhamento quando ela aparece na matéria da consulta que diz respeito à vídeo arte *Eu durmo de livro aberto*, que visualmente chama a vulva-livro.

Imperatriz e Imperador são cônjuges: um não pode funcionar sem o outro – enquanto o momento da Imperatriz equivale às ideias espontâneas, sucessivas e borbulhantes que aparecem de nossa profundidade; o Imperador jaz à seleção dos caminhos, ele nos ajuda a joeirar e escolher entre a abundância dos frutos; é por isso que, se ele intervém demasiadamente cedo da colheita, isso não é benéfico: frutos podem ser intragáveis (Nichols, 2007). A Imperatriz, portanto, reside implícita nesta leitura e é análoga ao momento de insurgência das imagens mentais, precursoras das imagens telemáticas; enquanto O Imperador confere um pouco de ordem ao caos, alguns vocábulos às imagens, como neste Tomo. A carta anterior também mostra uma abundância parecida com a criatividade da Imperatriz, mas de maneira que me parece muito mais desordenada: O Louco, ou O Coringa, ou ainda O bobo da corte, chega à presença de seu Imperador com uma miríade absurda de informações, de modo que nem tudo pode ser absorvido, sequer por ele, a máxima autoridade!

Ainda assim, um pouco mais de tentativas transferenciais: em *Eu durmo de livro aberto*, a quntura do quarto é a quntura da carta. O seu trono me parece muito rígido, como se fosse de pedra; difere da cama. As pequenas amostras de armadura cintilante, quase dispõem meu próprio reflexo em suas superfícies. Dentre toda a dureza, as ondulações de um manto vermelho quebra, equilibra, equipara a rigidez. Ainda assim, é vermelho: salta aos olhos em sua ardência, mal me deixa observar os outros pontos da narrativa visual.

É, então, uma rigidez que se abre.

Vou da austeridade à malemolência: dos livros e cadernos que me servem na época da graduação, em que sou estritamente levada à produzir para obter notas em disciplinas, em croquis de obediência à bela forma, proporções equivalentes com as

SIIMI/2020

VII simposio internacional de
innovacion en medios interactivos
VII simpósio internacional de
inovação em mídias interativas
VII international symposium on
innovation in interactive media

HUB
eventos
2020

coisas do mundo; aos livros e cadernos que me servem à época outra, já formada e constantemente reformulada, em que sou extensivamente retida à experimentação sem objetivo, em gestualidades similares à garatuja, aos delineamentos difusos equivalentes às coisas da alma. Algo e tudo o que sequer poderia passar por minha percepção anterior à seletiva da carta.

A cópula das coisas

Depois do surgimento e ocultação do falo e da vulva, resíduos: a cópula das coisas libera um manancial de potenciais outros. Retomando Han (2019), o belo precisa do sublime, assim como as imagens telemáticas precisam do Tarô nesta série de estudos. Voltando à Bachelard (2010), o tempo do mundo há de ser transmutado para o instante poético, tal qual esta série de estudos retorna ao Tarô, onde são ilustradas imagens intermináveis, maiores do que realmente são, impossíveis de abarcar em totalidade. Tais são as duplicidades complexas em que me escrevo até saber; e quando sei, me escapam: o sentido da flor enquanto falo permanece aberto, e talvez até seja melhor assim; o sentido da vulva enquanto livro fica um tanto mais resolvido, por conta de suas naturais proximidades simbólicas. Nem tudo se resolve neste Tomo, há um quê de continuidade e debruçar.

Inclusive, necessito meditar sobre a palavra *Tomo*: desde seu volume primeiro, assim como os objetos livro-flor e o título deste estudo, também surge espontaneamente, de modo com que eu nunca me pergunto ou sinto necessidade de explicitá-la para além do que ela é, sequer para mim mesma. Tomo quer dizer capítulo, mas também uma tomada de ação, algo a responder a partir da jornada performativa. Eu sei em que algum momento esse sentido vai chegar, no mais e um pouco mais, agora:



Waite, A. E. & Smith, Pamela Colman (1999). (V) O Hierofante¹⁰.

¹⁰ Cinco é o símbolo da união: a soma do primeiro número par (2) com o primeiro número ímpar (3); está no meio dos nove primeiros números; análogo aos 5 sentidos, às cinco formas de matéria (ar, fogo, água, terra, éter) (Chevalier & Gheerbrant, 2009). Dessa maneira, "pode-se dizer que a função do Papa consistia em tornar acessível ao homem o mundo transcendental até aqui alcançado apenas pela intuição (...) À semelhança do instinto sexual, o impulso religioso visa unir os opostos. Como símbolo dessa unificação, o Papa, com sua

Sagradas ou religiosas são as coisas que pertenciam aos deuses, destituídas ao livre uso; enquanto sacrilégio é o ato de violar essa indisponibilidade – se a consagração designa a saída das coisas do direito humano, a profanação restitui as coisas ao livre uso dos homens (Agamben, 2007). A religião subtrai e transfere as coisas do uso comum para uma esfera separada, portanto, profanar é uma forma especial de negligência que faz uso particular da separação: a profanação desativa os dispositivos de poder, esvaziando-os de sentido e, assim, acha no objeto uma sobra de sacralidade a ser trabalhada, o novo uso (Agamben, 2007).

Talvez, portanto, *Tomos* sejam escrituras sacras da própria prática, que revelam possíveis caso eu dedique atenção. O Tarô, assim, é o dispositivo destituído de oráculo e vivenciado na imanência. Por sua vez, os vídeos, imantam novos usos na captura-edição: a flor é o falo, livro é a vulva; também o falo é a flor e a vulva é o livro. Seria a figura do artista aquela que é, ao mesmo tempo, Louco, Imperador e Hierofante?

Referências

- Agamben, Giorgio (2007). *Profanações*. São Paulo, SP/Brasil: Boitempo.
- Agamben, Giorgio (2018). O ato de criação. In: *O fogo e o relato: ensaio sobre criação, escrita arte e livros*. São Paulo, SP/Brasil: Boitempo.
- Bachelard, Gaston (1994). *A psicanálise do fogo*. São Paulo, SP/Brasil: Martins Fontes.
- Bachelard, Gaston (1996). *A poética do devaneio*. São Paulo, SP/Brasil: Martins Fontes.
- Bachelard, Gaston (2010). *A intuição do instante*. Campinas, SP/Brasil: Verus Editora.
- Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (2009). *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Editora José Olímpio LTDA.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Felix (2000). *O que é Filosofia?* São Paulo, SP/Brasil: Editora 34.
- Han, Byung-Chul (2019). *A salvação do belo*. Petrópolis, RJ/Brasil: Vozes.
- Haseman, Brad. Manifesto pela Pesquisa Performativa. In: Silva, Charles Roberto, Felix, Daina; Silveira, Danilo; Sueyoshi, Humberto Issao; Amalfi, Marcello; Boito, Sofia; Jr., Umberto Cerasoli; Seixas, Victor de (2015). *Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento*. São Paulo, SP/Brasil: PPGAC-ECA/USP, v.3, n. 1, p. 41- 53.
- Jodorowsky, A., & Costa, M. (2009). *The way of Tarot: The spiritual teacher in the cards*, VT: Destiny Books.
- Jung, C. G. Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética. In: Jung, C. G (2013) *Do espírito na arte e na ciência*. Petrópolis, RJ/Brasil: Vozes.
- Mesko, Sabrina (2013). *Healing Mudras: Yoga for your hands*. New York: The Random House Publishing Group.
- Nichols, Sallie (2007). *Jung e o tarô: uma jornada arquetípica*. São Paulo, SP/Brasil: Cultrix.

barba e suas vestes ondeantes, é andrógino, une em sua pessoa tanto os elementos masculinos quanto os femininos" (Nichols, 2007, p. 127).

SIIMI/2020

VII simposio internacional de
innovacion en medios interactivos
VII simpósio internacional de
inovação em mídias interativas
VII international symposium on
innovation in interactive media

HUB
eventos
2020

Peixoto, I. M (2015). Visões contemporâneas da experiência sublime. *In: Scientiarium História VIII*, Rio De Janeiro, RJ/Brasil: HCTE/UFRJ.

Peixoto, Irene de Mendonça (2016). *(Res)pirações poéticas*. Tese de Doutorado em Poéticas Interdisciplinares, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Saraswati, Swami Satyananda (2015). *Asana Pranayama Mudra Bandha*. Munger: Yoga Publications Trust.

Waite, Arthur Edward, & Smith, Pamela Colman (1999). *The Original Rider Waite Tarot Deck*. US Games Systems / Incorporated.